

# NÓS E ÊLES

1232 RUBEM BRAGA

ESTÁ no Senado a nova lei sobre licença prévia e prioridade de câmbio. A Câmara, recebendo a mensagem do Executivo com o ante-projeto, acrescentou-lhe numerosas emendas, todas no mesmo sentido: dar menor margem de arbítrio ao Executivo na concessão ou denegação de licença e câmbio.

Embora algumas dessas emendas sejam discutíveis, o fato é que a Câmara tem razão. Durante um ano inteiro — que vai findar a 30 deste mês — o Executivo fez muito mau uso dos poderes vastíssimos que a lei em vigor lhe concede. Um repórter que foi outro dia ao Cais do Pôrto encontrou-o cheio de artigos de luxo que acabavam de ser desembarcados, inclusive automóveis de alto preço para uso particular.

O presidente da República não há de ignorar, com certeza, o que se diz, a boca miúda, sobre esse negócio. Não desejo fazer nenhuma acusação precisa, mesmo porque ela chegaria um tanto atrasada — por motivos que também não seria elegante explicar. A verdade, porém, é que a importação de automóveis de luxo e outras mercadorias francamente dispensáveis causa estranheza. Se o Banco do Brasil não dá câmbio, ou leva meses e meses, depois da licença, para permitir o pagamento de importações necessárias — como material para imprensa, para a aeronáutica ou para hospitais — como se explica que alguém consiga licença e câmbio para importar carros de luxo?

A explicação que se dá é muito feia. Pessoas influentes no governo estariam associadas a firmas importadoras, que venderiam aqui esses carros algumas dezenas de contos acima da tabela. Citam-se casos, citam-se nomes, que não citarei porque não me agrada fazer acusações sem documentos ou dados precisos. Acho, entretanto, que não será maledicência nem levandade fazer referência a tais rumores, que são constantes e fortes. Uma advertência destas sempre terá o mérito de alertar as altas autoridades para o assunto.

Só uma incompreensão profunda dos negócios internacionais pode produzir esse complexo de inferioridade em relação a povos mais ricos de que a infeliz carta do sr. Corrêa e Castro foi apenas uma expressão mais aguda e humilhante. Segundo essa mentalidade, somos um país de mendigos, que só

devemos favores. Não passa pela cabeça de tais pessoas este fato tão simples: a riqueza e a prosperidade dos grupos imperialistas assenta principalmente na exploração da riqueza e do trabalho de países como o Brasil. Se devemos dinheiro a esses grupos, e ainda lhes pedimos, de chapéu na mão, mais ajuda, é porque estamos, no plano internacional, na mesma situação do trabalhador rural que no fim da semana está devendo ao fazendeiro, embora tenha trabalhado arduamente todos os dias, de sol a sol. E exatamente como esse homem da enxada, não gastamos, em nossa miséria, apenas com o essencial: compramos também, com nossos "vales", no armazém, muita cachaça, muita fita colorida, muita bugiganga. E o lucro do fazendeiro nesses artigos costuma ser maior que nos de primeira necessidade. Ele enriquece com a imprevidência e a fraqueza do trabalhador. Na realidade toda a sua riqueza é baseada no trabalho daqueles homens. Ele é devedor do pobre diabo que sábado à tarde vem, de chapéu na mão, lhe pedir a caridade de mais um quilo de carne seca ou mais uma garrafa de querosene...

Como entender uma política de austeridade cambial se continuamos a gastar nababescamente com... fitas de cinema? Será que não passa pela cabeça de nenhum homem de governo, no Brasil, que em momentos de crise tão séria, é absurdo gastarmos montanhas de dólares com as baboseiras de Hollywood? Que seria muito mais lógico restringir a importação de filmes e auxiliar o desenvolvimento da indústria nacional do cinema?

E' impossível que isso não tenha ocorrido a ninguém. Mas aqui é que o carro pega: os Estados Unidos querem, os Estados Unidos precisam nos vender essas fitas. Temos de comprá-las. Só com esforços tremendos e enfrentando terrível pressão, alguns países, como a Inglaterra e a França conseguiram restringir essas importações ruinosas — o último, aliás, de maneira excessivamente modesta.

Somos uns mendigos a quem obrigam a comprar coisas dispensáveis. Não temos força para dizer: vamos passar um ano sem os Três Patetas, porque nosso dinheiro anda curto para diversões: mandemos, por favor, máquinas para a indústria, o transporte e a agricultura. O que dizemos é: emprestemos algum dinheiro, pelo amor de Deus, para poderemos comprar mais bugigangas e importar mais fitas... E ainda nos comprometemos às cegas a servir de capangas do patrão, se ele tiver alguma briga!

Não culpo os ricos norte-americanos nem de outros países. Eles fazem seus negócios. Culpados são os brasileiros, uns ingênuos, outros corruptos, que se prestam a esse jogo contra os interesses do povo do Brasil.

11. 5. 49

169